

ESTUDO BÍBLICO NA 6ª SEMANA DA PÁSCOA ANO C 2022

Comunidade Católica Paz e Bem



SEGUNDA-FEIRA

João 15,26-16,4a

COMO AMAR EM SITUAÇÃO ADVERSA (II): AS AÇÕES

"Vós também dareis testemunho"

Terminamos, hoje, a leitura da segunda parte do discurso de despedida de Jesus. Após descrever todas as implicações da comunhão com Jesus, desde a perspectiva do amor (cf.15,1-17), vimos que o evangelho prepara os discípulos para a dura experiência no "mundo": serão odiados (cf.15,18-21). A partir desta realidade, Jesus convidou seus discípulos a fazer uma avaliação da situação (cf.15,22-25).

Agora, para terminar, Jesus educa seus discípulos, com instruções precisas, para enfrentar a rejeição. Na primeira delas retoma a promessa da assistência do Espírito Santo, cuja presença está agora relacionada com o "dar testemunho" (cf.15,26-27). Então, como devemos responder ao ódio do mundo? Há quatro instruções sobre a maneira de responder ao mundo, todas elas giram em torno a uma única idéia: **"dar testemunho"**. Vejamos o processo que Jesus descreve:

1. Deixar que o Espírito nos dê testemunho (15,26)

Jesus diz: **"Quando vier o Paráclito... dará testemunho de mim"** (15,26). A pergunta do texto é: A quem dará o testemunho? Alguém tende a pensar que será para as pessoas de fora, aquelas que nos estão rejeitando, e não é assim. O testemunho do Espírito Santo, em primeiro lugar, é para os discípulos, pois é a eles que o mesmo é enviado. Trata-se do testemunho de que Jesus verdadeiramente vive e que segue sendo o Senhor de seus discípulos, que não os abandona. Este os animará para que dêem esse testemunho. O discípulo perseguido necessita desta força de ânimo. Só quem fez uma experiência do senhorio de Jesus, por meio do Espírito Santo, não tem nenhum problema para testemunhar ante o mundo. Alguém só pode falar do que tem vivido. O "Paráclito" não vem, em primeiro lugar, para eliminar nossos problemas: ele nos ensina a analisá-los e a descobrir o que é que, verdadeiramente, temos que trabalhar em nós, para poder sustentar e avivar o testemunho de uma vida em Cristo. E isto já é o decisivo.

2. Dar testemunho, junto ao Espírito Santo, daquilo que temos vivido no caminho com Jesus (15,27)

A obra do Espírito Santo se expressa, assim, mediante o testemunho explícito de Jesus, que damos, nós, por palavras e obras: **"E vós também dareis testemunho, porque estais comigo desde o princípio"** (15,27). Não se testemunha um sentimento nem uma boa intenção com relação a Jesus, mas todo um caminho de vida percorrido junto com Ele. O conteúdo do testemunho é o Evangelho feito vida, encarnado no longo e paciente caminho da fé. Testemunha-se o que Deus tem feito desde o primeiro momento de graça, quando fomos chamados ao seguimento, até agora. Anuncia-se, com fatos concretos, o que Jesus tem significado para nossa vida, tudo aquilo que, certamente, não se teria podido viver sem Ele.

3. Manter-se firme, apesar da dureza da perseguição, não vacilar (cf.16,1-3)

Aos discípulos, **"Expulsar-vos-ão das sinagogas"** (16,2a). Este é o momento mais doloroso: a rejeição da própria comunidade de fé e de amor. O evento pode chegar até ao desenlace trágico: **"Mais ainda: virá a hora em que aquele que vos matar julgará realizar ato de culto a Deus"** (16,2). Neste momento os discípulos poderão se "escandalizar". Parece-lhes que é demais, tanto sofrimento. Jesus pede-lhes para que não se escandalizem; que não saiam correndo apavorados. Ele estará ao lado deles, cuidando. Recordemos o testemunho de Paulo, frente às perseguições de Nero (cf 2 Tm 4,17). O permanecer firmes, quer dizer, leais e fieis, é uma forma importante do testemunho.

4. Fazer memória da Palavra de Jesus (cf.16,4)

Jesus disse: **"Tenho-vos dito isto para que, quando chegar a hora, vos recordeis de que já vos havia dito. Não vos disse isto desde o princípio porque eu estava convosco"**.

Jesus nos fala, antecipadamente, para, não nos pegar de surpresa, a situação. Porém, o que terá que recordar-se, o discípulo, não é da perseguição, mas da promessa da vitória. Neste sentido, a memória da Palavra do Senhor é

decisiva. É uma forma de vigilância cristã. E isto, nós podemos estender a todas as Palavras do Senhor: elas têm por finalidade ajudar-nos a tomar consciência das diversas situações em que nós vivemos em nossa vida cristã, e a discernir a atitude justa, que nos coloca à altura da situação. Porém, a base de tudo é que nos sintamos firmes e seguros da verdade das promessas de Jesus.

Ao terminar esta seção do discurso de despedida de Jesus, oremos: *Obrigado, Pai, pelas palavras de Jesus. Teu Filho coloca nossos pés na dura realidade do caminhar do discipulado, porém não deixa nunca de iluminar-nos, amavelmente, com sua presença sempre fiel. Ajuda-nos a compreender melhor o que estamos vivendo todos os dias. Ajuda-nos, para que não nos deixemos surpreender, não aconteça que, à hora do testemunho, não estejamos, suficientemente, maduros, nem preparados. Infunde, em nós, o amor, a paciência e a fortaleza, que Ihe sustentaram no caminho da Cruz. Amém.*

Cultivemos a semente da palavra no profundo do coração

1) Em que situações concretas me tenho visto empurrado a dar testemunho de Jesus?

2) A quem o Espírito Santo dá testemunho em primeiro lugar? Testemunho de que?

Sinto-me preparado para enfrentar as adversidades, sem chegar a cair no desânimo, nem na tentação de deixar de lado minha opção cristã?

TERÇA-FEIRA

João 16,5-11

JESUS FORMA SUA COMUNIDADE (I):

COMUNIDADE TRANSFORMADA PELO ESPÍRITO SURPREENDE O MUNDO.

"O Paráclito convencerá o mundo"

Inicia a terceira parte do discurso de despedida de Jesus. Voltamos a encontrar Jesus e seus discípulos que, depois da ceia, vão a caminho do Getsemani.

Jesus, inspirando-se na imagem da videira, lhes explicou a nova relação que viverão com ele a partir da Páscoa: **"Eu neles e tu em mim"** (17,23ª).

Uma profunda comunhão de vida, entre o discípulo e o mestre, que leva o discípulo, não só a dar os frutos pascais de vida nova para o mundo, mas, também, a experimentar a rejeição e a perseguição do mundo, precisamente, por sua união a Jesus.

No capítulo 16 de João, começando pelo versículo 5, encontramos a última instrução de Jesus, que pode ser lida desde a perspectiva da formação da comunidade. O Senhor agora lhes ensina como construir uma igreja com vitalidade e força pascal no mundo.

Há cinco ensinamentos. Hoje abordamos o primeiro: a vinda do Espírito Santo que inaugura uma nova etapa na vida da comunidade.

(a) Jesus convida seus discípulos a que estejam felizes por sua partida, condição esta para enviar o Espírito Santo, que é o "Paráclito" – auxiliador - dos crentes (cf. 16,4b-7).

(b) Jesus vê, em consequência, desde já, o começo de um povo transformado pela Páscoa (cf. 16,8-11).

Este é o ponto de partida da vida da comunidade pascal.

1. O que o Espírito faz na comunidade, vai impressionar o mundo

No início de seu discurso havia dito: **"O Espírito da Verdade, que o mundo não pode acolher, porque vê nem não o conhece"** (14,17). Agora Jesus volta a este ensinamento: quando o Espírito vier, ele não vem ao mundo, mas à Igreja.

Duas vezes repete esta ideia no v.7, uma vez em negativo e outra em positivo: **"pois, se não for, o Paráclito, não virá a vós. Mas, se for, enviá-lo-ei a vós"** (cf. 16,7). Assim, é o que o Espírito faz, na Igreja, aquilo que vai impressionar ao mundo. Este é o primeiro passo na obra que o Ressuscitado faz com a força do Espírito.

2. A obra do Espírito na comunidade

"E quando ele vier, convencerá ao mundo a respeito do pecado, da justiça e do julgamento" (16,8). Jesus vai longe, ao elucidar as implicações disto. Frente ao testemunho da Igreja vivificada no Espírito, o mundo faz três aprendizagens:

1ª aprendizagem que faz o mundo: o sentido do "pecado" (16,9)

Jesus disse que o Espírito convence ao mundo **"a respeito do Pecado, porque não crêem em mim"** (16,9). Uma pessoa, que não tem uma forte experiência de Deus, não tem sentido do pecado, tudo lhe parece normal. Vejamos, Jesus não disse "pecados", mas, sim, **"pecado"** (em singular). A tarefa de uma comunidade centrada no Senhor não é atacar a pessoa, acusando-a de seus pecados, mas fazer-lhe cair em conta, profeticamente, de seu pecado fundamental.

O pecado é a rejeição de Deus e de seu projeto para a humanidade. É uma força destrutiva que arrasa a glória e a beleza da humanidade. Um olhar rápido ao que está acontecendo no país e no mundo leva a cair em conta que isto é verdade. Isto é, justamente, pelo pecado. Porém, quem o faz não tem consciência disso, não compreende o dano profundo que está fazendo.

Porém, quando se **"crê"** em Jesus, o assunto é diferente: tem-se uma grande sensibilidade frente ao pecado. Além do mais, quando há uma comunidade viva, integrada, renovada, transformada, o pecado daquele que joga com a vida e a dignidade dos demais fica denunciado.

Quem está nesta situação, quando vê pessoas profundamente transformadas pela presença do Espírito, descobre primeiro que a natureza do pecado é ignorar ao único doador de vida, ao único que pode dar serenidade, paz e perdão. Começa, então, a ter sensibilidade de seu pecado.

2ª aprendizagem que faz o mundo: onde está a fonte da "justiça" e retidão de vida (16,10)

Jesus disse que o Espírito convence ao mundo **"a respeito da justiça, porque vou ao Pai"** (16,10). A retidão é um termo que no Antigo Testamento equivale a "santidade": indica que uma pessoa íntegra, aos olhos de Deus e do mundo, é uma imagem patente do homem querido por Deus.

A Boa notícia do Evangelho é que alguém não se faz íntegro por si mesmo. A única maneira de alcançar uma vida íntegra, coerente, sólida, bem conduzida, é **"vir a Jesus"**.

"Santificar-nos", é o que Jesus faz por meio do Espírito. A obra do Espírito é dar-nos o que nunca conseguiríamos, por nossas forças: ser retos e profundamente íntegros na presença do Senhor. Esta é a maravilhosa experiência que podemos chamar "a beleza da santidade": uma beleza que não provem de maquiagens, mas que vem de dentro.

A comunidade verdadeiramente bela é a que está formada por gente que, apesar de sua debilidade, chegaram a ser profundamente íntegras, pela fé em Jesus. Quando isto acontece, começa uma transformação vital de tudo ao redor, de modo processual.

Pois bem, isto é o que o mundo descobrirá, da ação do Espírito nos crentes: o mundo entenderá que é possível ser santo, ser justo, ser diferente. Que nossa oração realiza o que diz o Salmo 90,17: **"Que a beleza (doçura) do Senhor venha sobre nós!"**.

3ª aprendizagem que faz o mundo: o julgamento deste mundo já aconteceu na morte de Jesus (16,11)

Jesus disse que o Espírito convence ao mundo **"a respeito do julgamento, porque o príncipe deste mundo está julgado"**. Todo homem tem a responsabilidade de prestar contas a Deus sobre sua vida, quando, ao final de sua história, se encontre, cara a cara, com Ele. Porém, coisa curiosa! Jesus está indo muito mais além desta simples idéia. Jesus diz que este julgamento já aconteceu.

Um cristão que segue a Jesus no Espírito Santo vive sempre em uma incrível liberdade, porque já se sabe julgado. Um discípulo vive gozoso, como filho de Deus vivente.

O que o mundo aprenderá, observando aos crentes, é, precisamente, isso: que são pessoas que sabem viver porque conseguiram superar suas contradições internas e agora estão em paz, com uma grande liberdade e força interior. Este é o primeiro passo na obra de Deus conosco.

Cultivemos a semente da palavra no profundo do coração

- 1) Considero-me uma pessoa sensível ao "pecado"?

De onde provem esta sensibilidade?

- 2) Anseio uma vida na beleza da santidade?

Que me oferece Jesus?

- 3) Vivo no gozo da liberdade dos filhos de Deus ou arrasto contradições internas que tornam infeliz e insegura minha vida?

Que fez Jesus na Cruz por mim?

Que faz agora pela força de seu Espírito?

QUARTA-FEIRA

João 16,12-15

JESUS FORMA SUA COMUNIDADE (II): ESTA É CONDUZIDA EM UM PROCESSO DE CRISTIFICAÇÃO
"O Espírito da verdade vos guiará até a verdade completa"

Vejamos o segundo passo na grande obra de Jesus, formando sua comunidade: a ação reveladora do Espírito Santo continuará a obra de Cristo, o substituirá quando o Filho regresse ao Pai, guiará à inteira verdade e fará compreender o que Jesus havia dito.

1. A incapacidade dos discípulos para viver tudo de uma vez

“Tenho ainda muito que vos dizer, mas não podeis agora suportar” (16,12). Estas são palavras que infundem ânimo. Jesus fala a seus discípulos com muita ternura. Compreende a confusão que têm e sua debilidade frente à realidade da Paixão.

Em grego, lemos um verbo que se poderia traduzir: **“não podeis suportá-lo”**. Este verbo, em outras ocasiões, está relacionado com o peso da Cruz. Provavelmente, deve ter, aqui, uma referência à dificuldade para carregar a Cruz, que é a tarefa mais importante do discipulado. À meta só se pode chegar, caminhando atrás de Jesus, carregando a Cruz (cf. Jo 14,36).

2. O Espírito, como “pedagogo” que nos conduz até a plenitude de Jesus

Após indicar a dificuldade presente dos discípulos, Jesus dirige seu olhar ao dia da efusão do Espírito e à experiência das primeiras comunidades que interpretam o acontecimento pascal e relatam o Novo Testamento: **“Quando vier o Espírito da verdade, Ele vos guiará na verdade plena”** (16,13^a).

O que se quer dizer, em primeiro lugar, é que o Espírito vai levando-nos pela mão, como crianças, para que possamos viver, um a um, os ensinamentos do Evangelho, até que a vivência do Evangelho seja completa, em nossa vida.

O Espírito não traz novas revelações, sua tarefa é conduzir ao interior da revelação de Jesus. Ele guia até a **“Verdade Plena”** que é Jesus (cf. 14,6), fidelidade de Deus na história, em que surge o homem novo, o homem e a comunidade que alcançam sua plena realização.

Não se vive todos os ensinamentos de Jesus de uma vez. Por isso é preciso deixar que o Espírito do Ressuscitado faça sua pedagogia com cada um de nós. Ele e só Ele conhece os caminhos de maturidade de cada um e sabe como conduzir-nos para a plenitude de Cristo.

O mesmo vale para a comunidade cristã em seu caminhar ao longo da história. Nos vv.13.14.15, três vezes aparece o verbo no futuro: **“Anunciará”**.

O sentido do termo grego é “tomar e apresentar de novo”, quer dizer, “atualizar”. Visto que, ao longo da história, vão surgindo novas realidades e desafios com os quais interage a fé, o Espírito mantém vigente, na comunidade, a eterna novidade de Cristo.

Desta forma, o Evangelho se encarna continuamente, e o rosto de Jesus Ressuscitado se revela sempre atual. Neste sentido, o Espírito é “central criadora de luz sempre nova”.

3. O Espírito tem uma estreita relação com o mistério completo de Jesus, desde sua origem, no Pai, até seu regresso a Ele

O Espírito se refere sempre à atualidade permanente do mistério pascal de Jesus. Através dele podemos conhecer o mistério de Cristo até o fundo e desde sua raiz: a relação profunda do Verbo com Deus Pai antes da história humana (cf. Jo 1,1-2). Por isso a frase: **“Tudo o que o Pai tem é meu”** (16,15).

Insiste-se, ao final, que o Espírito **“tudo receberá de mim”** (16,14.15). Visto que, **“tudo”** recebe de Jesus, pode **“guiar-nos”** para Ele. É assim que o Espírito nos introduz na pessoa de Jesus, enquanto caminho aberto ao Pai. E nesta total manifestação do sentido da obra de Jesus: **“Ele me dará glória”**.

O Espírito Santo permanece cristocêntrico e, deste modo, não faz, senão centrar-nos permanentemente naquele, que de boca, confessamos como o que tem o senhorio em nossas vidas.

O mistério da Igreja brota nesta identidade com Cristo e se afirma na relação que provém da comunhão eterna do Pai e do Filho na origem da história e, também, no cume dela. Esta é a segunda lição: a comunidade é conduzida a um processo de crescimento, em uma progressiva cristificação.

Cultivemos a semente da palavra no profundo do coração

- 1) Há algum ensino de Jesus que me custa muito viver? Que me oferece Jesus para tal debilidade?
- 2) Que quer dizer: **“Quando vier Espírito da verdade, ele vos guiará até na verdade plena”** (16,13)?
- 3) Como se aplica aos processos de fé pessoal e à tarefa missionária da Igreja?

QUINTA-FEIRA

João 16,16-20

JESUS FORMA SUA COMUNIDADE (III): ESTA AMADURECE ESPIRITUALMENTE NO CAMINHO DA CRUZ
“Estareis tristes, porém vossa tristeza se converterá em gozo”

Passamos hoje à terceira lição sobre o nascimento e a formação da comunidade do Ressuscitado: o Espírito Santo, que Cristo envia, equilibra o discípulo, o coloca, precisamente, no centro do ministério de Jesus, no mais sublime de sua obra: a Cruz.

Em Jo 16,16-20, Jesus descreve, para os discípulos, a experiência da Cruz, do ponto de vista de sua experiência exterior, como interior, emocional, ou seja, o que será o caminho da Cruz e sua significação em suas vidas de discípulado.

1. A Cruz do ponto de vista exterior

Jesus pronuncia uma frase misteriosa: **"Dentro de pouco já não me vereis e dentro de outro pouco voltareis a me ver"** (16,16; e repete-se duas vezes mais nos vv.17.19). É de uma forma obscura, ("em parábolas", v.25), que Jesus fala de sua morte e ressurreição. Esta frase quer dizer isto: *"Estou a ponto de desaparecer e nunca mais voltarei a ver-me, mas dentro de pouco tempo me verão"*.

Os discípulos ficam confusos. Então se reúnem à parte e debatem entre eles (cf. 16,17-18) para entender o sentido da frase, porém não encontram a resposta: mas, se é difícil entender que Jesus está falando de sua morte e ressurreição, mais difícil ainda é captar o significado disso para suas vidas.

O próprio fato de que os discípulos façam perguntas é importante: interrogar ao Senhor é o único modo de evitar a paralisia na vida espiritual. É um reconhecimento da falta de preparação que nós esbarramos, frequentemente, com respeito ao mistério da Cruz.

Jesus, que não está muito longe, se dá conta e intervém na conversa, antecipando-se à pergunta que vão lhe fazer (16,19). Jesus percebe rápido, a situação. E nós? Captamos, assim, tão rápido, os problemas de nossa casa, de nossa comunidade, de nosso meio?

2. A Cruz desde um ponto de vista interior, emocional

Jesus responde às inquietações dos discípulos, fazendo-se intérprete de suas próprias palavras: (ver 16,20). Esta frase também se repete duas vezes mais (v.21.22). Esta resposta não esclarece muito o que foi dito de modo enigmático, mas, dá um passo além, anunciando como reação, emocionalmente, os discípulos, ante sua morte e ressurreição, quer dizer, ante o fato de não vê-lo e de voltar a vê-lo.

As emoções externas de pranto, lamentação, dor, aflição, indicam a gravidade do que se passa: Jesus se foi na carne. Sua vida terrena foi superada, e nisto não há volta. É a experiência dolorosa da realidade passageira da existência humana, da separação que vem sem aviso, da ruptura e das profundas feridas humanas que causam a morte. Também a relação entre Jesus e seus discípulos foi submetida às leis implacáveis da morte.

Mas Jesus diz que voltarão a vê-lo. Refere-se à alegria do dia da ressurreição, quando o encontrarão, de novo, com os sinais da crucificação em seu corpo, agora glorificado, em novo estado, nova dimensão da vida. Então, o pranto e a dor, próprios da impotência humana frente à morte, não permanecerão; o sofrimento não será de modo definitivo.

A mudança no estado de vida de Jesus tem consequências profundas para os discípulos **"Mas a vossa tristeza se transformará em alegria"** (16,20). O regresso de Jesus não está limitado às aparições pascais, mas terá como resultado sua própria presença no coração dos crentes, fazendo com que este gozo **"ninguém o possa tirar"** (16,23).

3. A Páscoa interior do discípulo

É preciso observar a maneira como Jesus se expressa. Não disse: "Depois que vocês tenham tido uma grande tristeza então Eu virei dar-lhes a alegria". Não se trata de uma sequência: primeiro a tristeza e depois a alegria. Não se trata de uma sequência, mas uma consequência. É como se Jesus estivesse dizendo-lhes: "A tristeza que vocês estão vivendo agora será causa de alegria para vós mesmos".

Isto define uma lei importante da vida espiritual: a ressurreição vem de dentro da Cruz e é uma superação da mesma. Isto quer dizer que, o que qualificamos como desgraça, nos põe na rota de uma experiência pascal, que ali já está agindo o Senhor, que de dentro dessa situação faz brotar a alegria.

A Ressurreição não é um deixar a Cruz, mas a transformação dela em nova expressão de vida. Jesus, que conhece bem seus discípulos, vê que não conseguiram entender e então usa um exemplo. Vejam que ilustração tão especial recorre o Senhor: (ver 16,21). Amanhã retomamos este último versículo.

Cultivemos a semente da palavra no profundo do coração

- 1) Que é que se vê externamente na Cruz?
- 2) Que faço quando não a compreendo?
- 3) Que fizeram os discípulos de Jesus?

SEXTA-FEIRA

João 16,20-23ª

JESUS FORMA A COMUNIDADE (IV): COMO UMA MÃE QUANDO DÁ A LUZ

"Vossa alegria ninguém pode tirar"

Hoje continuamos aprofundando sobre a terceira lição da comunidade pascal. Jesus compara sua Páscoa com um parto: **"A mulher, quando vai dar a luz, está triste, porque a sua hora chegou; porém, quando deu a luz ao menino, já não se recorda do aperto pelo gozo de haver nascido um homem no mundo"** (v.21)

A angústia do nascimento pode fazer pensar que não se vai sobreviver, que tudo chegou só até aí. Porém, depois que nasce o bebê, o rosto da mãe se transforma completamente, não há nada mais formoso no mundo que o rosto de uma mãe feliz, cheia de paz, de gozo, também, ainda, de glória, depois dos trabalhos do parto.

É assim que a dor e a aflição passaram: como uma mulher quando tem um parto. A dor dará passagem a uma grande alegria e esta alegria não se acabará, nem poderá ser arrebatada, mas permanecerá. A morte de Jesus será um passo. Com a ressurreição entrará na vida definitiva. Então todos os que vivem sustentam com Jesus a bela amizade descrita em Jo 15, terão imenso júbilo e bem aventurança.

Assim como a Cruz trouxe tantas lágrimas para Jesus e para os discípulos, essa mesma Cruz será motivo de nossa liberdade e de nossa felicidade pascal, graças a ela podemos dizer hoje que há cura, redenção, libertação, vida nova em nossa história. Chegado a este ponto em seu discurso, Jesus se torna mais explícito e conclui esta parte de seu ensinamento assim: "Também vós estais tristes agora, porém voltarei a vê-los e se alegrará vosso coração e vossa alegria ninguém os poderá tirar."

Jesus se detém no tema da alegria. A alegria pascal é a superação da causa de nossa tristeza. Com estas palavras nos convida para que exploremos e assumamos a tristeza de "agora". A causa pode estar em nós mesmos, uma escravidão, um pecado, um problema de saúde, uma situação afetiva, enfim, algo que nos faz viver, continuamente, melancólicos, queixosos e até sem muitos alentos de vida. Porém, pode estar também fora: um familiar ou um amigo nosso que se torna causa de sofrimento, uma má relação, uma situação moral no lar, uma situação de trabalho, etc.

A promessa de Jesus sobre a qual se fundamenta sua comunidade pós-pascal é a de uma alegria sem comparação, uma alegria nunca antes experimentada, uma alegria que tem três características:

- (a) É produzida pelo encontro vivo com Jesus ressuscitado: voltarei a vê-los;
- (b) É uma alegria profunda, não superficial, é uma alegria que vem de dentro, da raiz da existência, uma alegria de coração: "vosso coração se alegrará";
- (c) É uma alegria permanente: "e vossa alegria ninguém a poderá tirar". Não é uma alegria de um ou dois dias, ou enquanto dura a emoção. Não. É uma alegria que não se acaba nunca, que não passa, que nos acompanha até o final: a bem aventurança presente que se confundirá com a alegria do céu.

Assim chegaremos ao definitivo, ali onde já não haverá mais perguntas (16,23ª).

Cultivemos a semente da palavra no profundo do coração

- 1) Que indica a comparação da Páscoa com um parto? Que diz para a nossa vivência da Cruz?
- 2) Jesus fala do "gozo de haver nascido um homem no mundo". Que tem renascido em minha vida e em minha comunidade nesta Páscoa?
- 3) O encontro vivo com Jesus Ressuscitado está suscitando a alegria profunda e perene que promete?

SÁBADO

João 16,23b-28

JESUS FORMA A COMUNIDADE (V): VIVER "EM CASA" COM O PAI.

"O que pedirdes ao Pai vos será dado, em meu nome"

Entramos na quarta lição: a comunidade pascal é mergulhada – junto com Jesus – na profundidade do Pai. Neste ensinamento Jesus destaca a importância da ressurreição para nossa relação com o Pai.

Até este momento Jesus Cristo se deteve na exposição do significado de sua morte e de sua ressurreição para a relação entre Ele e seus discípulos, sempre sobre o plano emocional, reconduzindo tudo a sua origem e meta.

Agora Jesus dá um passo importante: o olhar sai do mundo interno da comunidade de Jesus e os discípulos e pousam na origem e meta de tudo, o Pai.

Jesus mostra aos seus discípulos o que significará, para eles, o encontro com o Ressuscitado, desde a perspectiva de sua relação com o Pai:

- (a) Então anunciará abertamente o Pai: **"... já não falarei em figuras, mas claramente vos falarei do Pai"** (16,25b);
- (b) Eles orarão ao Pai em seu nome e o Pai responderá seus pedidos **"O que pedirdes ao Pai, em meu nome ele vos dará"** (16,23b; ver 16,26-27).

Desta forma, a obra de Jesus de vincular o céu com a terra, de fazer conhecer o rosto do Pai e estabelecer uma relação mais profunda com Ele, chegará à sua conclusão com a Ressurreição: **"Saí do Pai e vim ao mundo; de novo deixo o mundo e vou ao Pai"** (16,28).

1. A revelação definitiva do Pai

Jesus não desejou outra coisa que não esta: conduzir seus discípulos ao Pai. Com sua ressurreição, todo este esforço vai adquirir uma nova qualidade: o anunciará abertamente, e não de forma velada (cf. 16,25). Não o fará com novos discursos de revelação, mas por meio do encontro com o Senhor Ressuscitado. Nele terão uma nova imagem do Pai.

Esta é a manifestação prometida, repetidamente, no Evangelho (cf. Jo 2,22; 12,16; 20,9): da mesma forma que as "obras" demonstram que Jesus mantém uma relação única e particular com o Pai, a ressurreição – a grande obra do Pai – porá em evidência o vínculo profundo que há entre os dois.

Enquanto glorificado (cf. 7,39) e ressuscitado (cf. 20,22), Jesus dará a seus discípulos o Espírito Santo, que os levará à compreensão plena de tudo o que Jesus disse (cf. 14,26; 16,13).

Porém, precisamente no centro da pregação de Jesus há uma mensagem relacionada com Deus Pai: quando os discípulos virem Jesus ressuscitado, experimentarão a Deus como o Pai que se deu todo por amor a seus filhos, enviando ao mundo o mais querido de seu coração, seu próprio Filho Jesus (cf. 3,16). Esta experiência superará todas as precedentes.

2. Se solta a língua dos discípulos em uma nova oração

Havendo chegado a esta revelação plena, Jesus anuncia que se desatará a língua dos discípulos em uma nova comunicação com Deus: conhecendo toda esta revelação na Ressurreição do Filho, dirigirão suas orações ao Pai.

Antes não era possível algo semelhante. Somente quando conclui o caminho de Jesus sobre a terra, quando os discípulos conhecem por inteiro o "nome" – a pessoa – de Jesus, como Filho de Deus ressuscitado e glorificado, podem dirigir-se a Deus com a segurança de que, com toda a certeza, estão entrando em comunicação com Ele.

Jesus promete que as orações serão escutadas. O fundamento é o amor e a generosidade do Pai: **"o Pai mesmo os quer"** (16,27). A oração não se entende fora desta dinâmica do amor, nem fora da alegria que agora se vê coroada: **"Pedi e recebereis, para que vosso gozo seja transbordante"** (16,24). A fé e o amor a Jesus nos abrem ao amor e gozo do Pai, pois veio do Pai e a Ele retorna.

Jesus não nos disse expressamente qual é o conteúdo desta oração. O que é evidente, neste momento, é que a oração está envolta na comunhão afetuosa entre o Pai, o Filho e os discípulos de Jesus. Compreendemos, então, que não se trata de qualquer oração, mas daquela que sabe suplicar a comunhão perfeita com Deus, participando do destino de Jesus Ressuscitado. A resposta a esta oração será a alegria perfeita (16,24).

Cultivemos a semente da palavra no profundo do coração

- 1) Por que a Ressurreição de Jesus é a revelação plena de Deus Pai?
- 2) A que nos deve conduzir o conhecimento do Pai? Que relação tem com a vida comunitária?
- 3) De onde provém, como se faz e que pede, a oração nova dos discípulos, no tempo pascal?

Autor: Padre Fidel Oñoro, CJM